

ANDRÉ FELIX



## CIDADE ABERTA

JOEL SOPRANI - interino



## Quando o serviço público é eficiente

No início da década de 80, quem recorria ao Arquivo Público Estadual, na Cidade Alta, em Vitória, encontrava uma infraestrutura inadequada e uma postura nada diligente diante do patrimônio histórico coletivo, ou seja, as obras ali guardadas, como, por exemplo, os diários de navios com os registros de imigrantes que vieram para o Espírito Santo no século XIX.

Naquele período, era muito intenso o movimento de descendentes de italianos e alemães em busca de informações sobre seus antepassados, para poder obter uma dupla cidadania.

E ali no arquivo eles tinham contato direto com os registros. Manuseavam à vontade, sem muito controle. Era só chegar, pedir, e alguém entregava o material original para leitura.

Em termos de preservação, isso é o que se pode considerar uma heresia, pois as mãos gordurosas acabam por danificar as folhas, já muito antigas.

E o mexe-remexe resultava ainda em folhas rasgadas, comprometendo de maneira perigosa o conteúdo. Isso, sem considerar ainda questões de outros níveis, como as perigosas traças.

Havia ainda o problema de indexação de material, pois não era incomum não se encontrar documentos importantes, guardados em inúmeras caixas.

Não que os dirigentes fossem ruins e de má vontade. Havia servidores prestativos no atendimento, mas isso apenas não era suficiente.

Faltava um trabalho mais criterioso, para que todo o material se mantivesse íntegro para as futuras gerações.

Em 1995, durante o governo Vitor Buaiz, uma dupla de jovens, ambos ligados à área da cultura, foi escolhida para assumir o comando da instituição.

Era realmente o início de um novo tempo para o Arquivo Público Estadual. Estamos falando de Agostino Lazzaro e Cilmar Franceschetti.

Ambos demonstraram possuir duas qualidades importantes para quem atua no setor público: competência e dedicação.

Hoje, a instituição é uma referência no País pela qualidade de seus serviços. Agora em nova sede, na rua Sete de Setembro, no Centro, o arquivo atende de maneira impecável e muito profissional.

Não bastasse, desenvolve há um bom tempo importantes projetos, como reedição de livros históricos.

Registre-se ainda a força do Projeto Imigrantes, que levou a milhares de pessoas as informações essenciais sobre seus antepassados.

E até de maneira revolucionária, que foi o arquivo itinerante, com uma equipe do Arquivo atendendo nos núcleos de maior concentração de descendentes de italianos e alemães.

Valorizam também estudos importantes sobre as outras etnias, não deixando de contemplar a pluralidade tão necessária num espaço público e democrático.

Quem conhece os dois, sabe que eles vivem o trabalho que fazem, não sendo, por isso, mera bajulação reconhecer os seus méritos.

Não é sem razão que, desde 1995, todos os governadores (José Ignacio, Paulo Hartung, por dois mandatos, e agora

Renato Casagrande) decidiram mantê-los nos cargos, numa situação quase ímpar no Espírito Santo.

É o tipo de trabalho que tem de servir para observação de outras instituições, pois é possível planejar bem, executar com cuidado e atender com eficiência, zelando ainda pelo bem coletivo.

O serviço público tem condições de ser de qualidade, é só escolher as pessoas certas para os lugares certos, como aconteceu no Arquivo Público do Espírito Santo.

### EM ALTA ACADEMIAS POPULARES

A disseminação de academias populares pelos bairros da Grande Vitória. Trata-se de uma opção de lazer saudável, além de gratuita, para todas as idades, principalmente quando os praticantes são orientados por pessoal especializado em exercícios físicos, como acontece nesses núcleos mantidos pelas prefeituras. Aliás, quando mais numerosas forem, melhor para a qualidade de vida de todas as pessoas beneficiadas.



### EM BAIXA IRRESPONSABILIDADE

A mãe que deixou o filho, um bebê de oito meses, sozinho em casa para beber com amigos em um bar de Feu Rosa, na Serra, história narrada por A Tribuna na página 12 da edição de ontem. Só não provocou uma tragédia porque uma tia conseguiu salvar a criança, que tomava choques enrolada no fio do ventilador. Espanta também constatar que a mãe, ou não se importou muito, ou é incapaz de mensurar a gravidade do seu ato.



**O Arquivo  
Público  
Estadual, hoje,  
é uma  
referência no  
País pela  
excelente  
qualidade de  
seus serviços**

## Tribuna nas Ruas

**NÃO**

Eles gostam muito de computador, mas não permitem que fiquem muito tempo à frente dele. Eu regulo e sempre estou olhando com quem estão interagindo nas redes sociais e e-mails.

**SILVANIRA DA FONSECA**, 48 anos, servente, Cariacica-Sede

**NÃO**

A mais velha passa mais tempo no computador, mas não preciso fazer nenhum tipo de controle, ela sabe usar corretamente. O mais novo ainda está na fase do videogame e de bola.

**OTÁVIO COSTA**, 51 anos, agente de viagem, Praia da Costa, Vila Velha

**NÃO**

Minha filha ainda não é viciada em computador, embora já saiba navegar pela rede. Não passa o dia todo, fica no máximo 20 minutos e logo sai. Já estou controlando, para evitar abusos.

**FLÁVIA GOMES**, 32 anos, vigilante, Jardim Asteca, Vila Velha

**NÃO**

Meus filhos não são viciados em computador, eu não permito que fiquem o tempo todo diante da máquina. O mais novo gosta muito de ir para a lan house, mas não permito.

**ERIDAN MARIA SILVA CORREIA**, 43 anos, aux. serviços gerais, Santa Martha, Vila Velha

**SIM**

Meu filho tem 5 anos e já sinaliza que será viciado em computador. Se a gente deixar, ele fica o dia todo diante da tela do monitor. Temos tido problemas com ele por conta disso.

**ANDERSON MARQUES**, 31 anos, corretor financeiro, Cobi de Cima, Vila Velha

**NÃO**

Como todo adolescente, certamente meu filho também passa bastante tempo à frente do computador. Mas não posso assegurar que ele seja um viciado. Ele é usuário.

**WAGNER CASTRO VIVEIROS**, 47 anos, repres. comercial, Ilha das Flores, Vila Velha